

O MILHO NA AMAZÔNIA PERUANA: entre o sagrado e o fotojornalismo ambiental¹

*THE CORN IN THE PERUVIAN AMAZON:
between the sacred and the environmental photojournalism*

Rayane Lacerda² | Ana Taís Martins³

Resumo

Neste artigo, discutimos avanços e tensionamentos teóricos sobre a noção de fotojornalismo ambiental e imaginário a partir do milho. Estudamos fotografias de Robert Frank feitas na Amazônia peruana na década de 1940, utilizando a leitura simbólica, construção teórico-metodológica proposta por Ana Taís Martins alinhada aos postulados da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand que considera a experiência imersiva do pesquisador no material de estudo como base, posteriormente complementada pelo cruzamento com dados contextuais extraídos da observação e/ou de documentos. Concluímos que o encantamento entre sujeito e natureza é constituinte de uma possível transformação de consciência e instauração do ativismo, de modo que a luta política seria mais eficaz se travada levando em conta a vivência simbólica.

Palavras-chave: Fotojornalismo ambiental. Amazônia peruana. Imagem. Imaginário.

Abstract

In this article, we debate advances and theoretical tensions on the notion of environmental and imaginary photojournalism based on corn. We studied photographs by Robert Frank taken in the Peruvian Amazon in the 1940s, using symbolic reading, a theoretical-methodological construction proposed by Ana Taís

1. Trabalho realizado com apoio CAPES – Código de Financiamento 001.

2. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário. E-mail: raylavisi@gmail.com.

3. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências da Comunicação com pós-doutorado em Filosofia da Imagem pela Université de Lyon III. Líder do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário. E-mail: anataismartins@icloud.com.

Martins aligned with the postulates of Gilbert Durand's General Theory of the Imaginary, which considers the researcher's immersive experience in the study material as a basis later complemented by cross-referencing with contextual data extracted from observation and/or documents. We conclude that the enchantment between subject and nature constitutes a possible transformation of consciousness and the establishment of activism, so that the political struggle would be more effective if carried out considering the symbolic experience.

Keywords: Participation. Herculano Neighbourhood. Photo-elicitation. Participatory video.

Introdução

Existem hoje três países que disputam a origem do cultivo do milho (em espanhol, maiz). México, Guatemala e Peru têm estudos que indicam o surgimento das primitivas espécies de milho selvagem há mais de 10 mil anos, de forma geral. Há uma tendência ao consenso de que início de seu cultivo deu-se no México, mas, ainda assim, a questão se mostra aberta no debate científico (PIPERNO; FLANNERY, 2001). Se essa querela persiste, por outro lado há consenso sobre o inegável papel religioso e político do milho nas sociedades arcaicas, independentemente da época e do lugar em que é possível perceber as primeiras atividades agrícolas, já que ele se expandiu e chegou às demais regiões da América. O maiz tem presença nas mitologias das populações da antiguidade do continente. Em ambientes diversos cultural e biologicamente, as espécies se proliferaram, participando do desenvolvimento da agricultura.

A imagem mítica do milho era de sustentáculo do mundo. Estava, por exemplo, com os maias, na península de Yucatã (REGERT et al., 2016), com os astecas na cidade de Tenochtitlán (LINARES, 2016) e com os antiquíssimos Chavin, no norte do atual Peru (PEDRI, 2006). Escavações arqueológicas na zona litoral do Peru indicam a presença do milho na época arcaica (HAAS et al., 2013), tempo em que esse cereal não servia apenas de ingrediente culinário, mas apresentava significações sagradas enquanto um elemento de contato com o divino. Isso começa a mudar em 1492, com a chegada de Cristóvão Colombo à América, no que se tornaria um genocídio. A colonização espanhola, por volta de 1532, cooperou para o

distanciamento da experiência sagrada e para a destruição das populações originárias do continente. Hoje, as plantações de milho para a agroindústria devastam a região amazônica peruana. Miséria e da pobreza participam de um cenário onde a população rural é criminalizada socialmente por ser indígena e não possuir conhecimento técnico do agronegócio baseado em insumos químicos. Nos dias atuais, a República do Peru, país da América do Sul, destrói a floresta e abre espaço para a monocultura do milho (PALOMO, 2019), cereal que se torna alimento para as aves as quais, por sua vez, alimentam a população. Antes um elemento sagrado, agora o milho sugere um desencadeamento de ações que afetam negativamente o meio ambiente.

O Peru é considerado ainda um país em desenvolvimento. Sua economia é baseada na atuação do setor mineral e da agricultura, ao mesmo tempo em que há uma grande resistência campesina à exploração dos bens naturais, levando em conta os impactos socioambientais e os conflitos trabalhistas e territoriais já registrados, inclusive com indígenas (SILVA, 2010). Em sua delimitação territorial, o Peru é reconhecido por compreender espaços naturais amplamente importantes, delimitando parte da floresta Amazônica e outros ambientes como, por exemplo, Cânion de Colca, Cordilheira dos Andes e o lago Titicaca.

A Amazônia peruana, de modo específico, é um espaço complexo que traz consigo diversas problemáticas ambientais importantes para o debate sobre como os sujeitos se relacionam com a natureza. Entre os principais aspectos desse contexto está o milho, elemento que se conecta tanto com o cenário sociopolítico quanto com a experiência sagrada. Em San Martín, por exemplo, o milho centraliza as consequências do desmatamento, do aumento da temperatura planetária e da mudança ecossistêmica, ao passo que advém de uma trajetória mítica de construção simbólica dos povos andinos.

Levando em conta a teia de relações complexas que envolve o meio ambiente e o Peru, escolhemos o milho como uma porta de entrada para a discussão proposta nesse texto. Isso porque a produção agrícola desse grão conversa com as problemáticas socioambientais, participando ativamente dos

debates cunhados pelos veículos de comunicação, sugerindo uma abertura coletiva ao tema. Por outro lado, o cultivo do milho enseja uma abertura aos elementos do imaginário, o qual é dinamizado pela comunicação (BARROS, 2016) e funda essas narrativas sobre a natureza.

Tendo o milho como o fio condutor, podemos considerar duas ramificações possíveis. Primeiro, a discussão socioambiental complexa das problemáticas que envolvem a plantação, a produção, a colheita e a comercialização que tornam o milho um produto, uma moeda de troca. Por outro lado, abre uma perspectiva sagrada que pode ser pensada teoricamente pela antropologia do imaginário (DURAND, 1997), introduzindo noções-chave como imagem e símbolo.

Nesse sentido, as fotografias e suas visualidades, uma vez pensadas como portas de entrada ao imaginário, podem ser exemplos que desenham o contato ancestral entre os peruanos e a natureza. Em outras palavras, é possível notar a presença de diferentes sentidos ambientais que têm as suas potências sustentadas pelo suporte fotográfico de cunho jornalístico ambiental⁴. Sob essa perspectiva, realizamos nesse trabalho uma leitura simbólica de fotografias de Robert Frank (2008) feitas na Amazônia peruana na década de 1940, que serão relacionadas ao milho enquanto elemento que tem destaque na trajetória dos peruanos. O corpus⁴ de estudo é composto por quatro imagens escolhidas por meio de uma leitura flutuante, sendo este um primeiro passo para a leitura simbólica (BARROS, 2019). Esse procedimento está em consonância com a antropologia do imaginário de Gilbert Durand, ao valorizar as subjetividades na leitura de fotografias. Assim, foram incluídas no corpus de estudo aquelas imagens que antes de qualquer consideração consciente prenderam nosso olhar, parecendo apresentar sentidos simbólicos iniciais, possíveis de serem desdobrados durante a análise. A primeira intenção é discutir os aspectos que envolvem a cobertura ambiental através do fotojornalismo como um suporte que organiza acontecimentos, poéticas e imagens. Assim, perguntamos: como a cobertura fotojornalística aborda as questões ambientais na Amazônia peruana?

4.No total, foram retidas quatro fotografias, sendo uma inserida na discussão teórica e três no debate dos resultados encontrados

Ao compreender a Amazônia peruana como um espaço em que as problemáticas ambientais se intensificam, buscamos aprofundar a noção de fotojornalismo ambiental (LACERDA; DOMINGUEZ, 2021). Investigamos, através da imagem (simbólica), alternativas possíveis para essa proposta de narrativa jornalística, abrindo um segundo questionamento: como o imaginário atua nesse processo comunicacional e dinamiza imagens sobre a Amazônia peruana? Para tanto, fazemos aproximações com o imaginário antropológico (DURAND, 1997) a fim de traçar essa relação entre o fotojornalismo ambiental e os gestos simbólicos que participam intrinsecamente do vínculo entre os sujeitos e a natureza, tendo como guia o milho que orienta o percurso de trabalho.

O milho como condutor da narrativa fotojornalística

O jornalismo, enquanto prática cotidiana que organiza fatos em acontecimentos, carrega um sentido informacional de cobertura noticiosa capaz de fomentar diferentes temáticas - entre elas, a do meio ambiente. Áreas editoriais como Comportamento, Economia e Política são alguns exemplos de espaços que, arbitrariamente, dedicam uma certa atenção para as questões ambientais. A problemática, nessa via, está presente em duas consequências que se relacionam. Primeiro, isso faz com que o meio ambiente seja colocado em segundo plano e não ocupe uma dimensão transversal na cobertura jornalística. Além disso, ignora-se a singularidade do jornalismo ambiental, ao passo que, em contrapartida, “[...] o jornalismo ambiental extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente” (GIRARDI et al., 2012, p. 137). Em outras palavras, é como se a problemática ambiental emergente orientasse uma necessidade primordial de o meio ambiente e a natureza estarem no centro da narrativa, algo semelhante a uma heurística ambiental em jornalismo.

Nesse sentido, tratando-se do discurso jornalístico apresentado em fotografias, consideramos igualmente relevante a prática desse olhar complexo para as questões ambientais. O fotojornalismo trabalha justamente com a interconexão de olhares, tanto do profissional que está atrás da câmera quanto dos espaços e sujeitos que participam do ato fotográfico. Por outro lado, os múltiplos elementos da natureza e suas relações intrínsecas, uma vez enquadrados em fotografia, podem

carregar essa heurística ambiental através de imagens. Para tanto, nos questionamos sobre essa relação entre o fotojornalismo e o jornalismo ambiental, de modo que buscamos alcançar alguns gestos possíveis que unem ambas as práticas na ideia de um fotojornalismo ambiental e sua sustentabilidade do olhar (LACERDA; DOMINGUEZ, 2021).

A primeira pesquisa realizada sobre o fotojornalismo ambiental, em 2017, nos orientou sobre algumas características específicas, as quais foram responsáveis, ainda, por transformar a nossa própria percepção sobre o campo jornalístico. A sensibilidade da contemplação, necessária para o trabalho com fotografia, é tida como um desses elementos que nos moldaram enquanto pesquisadores. Essa contemplação do meio ambiente pode se dar tanto no meio urbano, como alternativa a um sistema acelerado que não cessa suas atividades, quanto em espaços mais afastados em que a correlação de ecossistemas fica mais evidente. Nessa relação, está a emergência de uma observação atenta que leva ao florescimento da sustentabilidade do olhar.

A partir dessas delimitações iniciais, compreendemos o fotojornalismo ambiental com base num tripé que coloca em relação aspectos fotográficos, artísticos e ambientais. Esse tripé resulta na ideia de que o fenômeno seria “[...] a visão orgânica e artística da existência, apresentada, compartilhada e informada por meio da linguagem visual fotográfica, sendo capaz de mobilizar e transformar o mundo em que se vive” (LACERDA; DOMINGUEZ, 2021, p. 81). Num primeiro momento, para os aspectos fotográficos, atentamos à característica comunicacional que potencialmente o aproxima do olhar sensível dos sujeitos, possivelmente transformando mundos internos e externos que tocam a coletividade. Isso nos conduz ao segundo pilar que diz respeito aos aspectos artísticos, pois é por meio de nuances poéticas inseridas nas narrativas de imagens que se leva em conta o apelo afetivo dinamizado pelas fotografias. E, por último, tratamos dos aspectos ambientais, de modo que a fotografia ambiental se alimenta de um ativismo ecológico (BELMONTE, 2015), considerando que a natureza não se separa do sujeito e, justamente por isso, lutar pela sua preservação é lutar pela vida de todos os seres.

Tendo em vista as problemáticas ambientais que perpassam a produção do milho e a maneira como os peruanos se relacionam com ele, compreendemos que a cobertura fotojornalística pode ser uma chave de leitura para essas questões, uma vez que esse fenômeno é um recorte comunicacional que compartilha acontecimentos e informações.

Palomo (2019) indica que os peruanos sempre estiveram dependentes de pressões globais. Primeiro, a exigência se dava em relação ao café, passando pelo cacau e, agora, alcançando a produção do milho. Nesse sentido, o desmatamento da Amazônia peruana, em cujo contexto se faz o cultivo atual de milho, é um ponto fundamental para compreendermos as questões ambientais envolvidas. Considerando a necessidade de resistência a um sistema de produção arruinado (PALOMO, 2019), os produtores precisam queimar a floresta para abrir espaço para plantar as suas sementes.

Essa busca desenfreada por plantar inúmeros hectares advém, principalmente, de uma demanda global que cobra, dos peruanos, um ritmo acelerado que não condiz com a experiência sagrada entre o sujeito e a terra. Enquanto o tempo da natureza pede que o cultivo seja feito de modo mais desacelerado, respeitando uma exigência cíclica que impacta todas as partes envolvidas no processo, o tempo do capital e do desenvolvimento a todo custo impõe um atropelamento humano no ecossistema original. E os custos, de fato, chegam, pois esse desequilíbrio eleva a temperatura da região, sendo essa uma consequência que resulta na queima das plantações. Com as plantações queimadas e a cobrança de produção ainda batendo na porta, os produtores acabam destruindo a floresta cada vez mais, em busca de um espaço de terra que lhes dê o sustento necessário.

Além disso, os ecossistemas também são afetados pelo tipo de semente plantada. Pela cobrança global que ocasiona a dificuldade de se produzir qualitativamente, os peruanos optam por sementes baratas e com baixo valor de produção, excluindo a diversidade ambiental do aparato de escolhas possíveis. Essa monocultura do pensar (SHIVA, 2003), que resulta na monocultura do

plântio, coopera para que se perca o contato do humano com o solo, com o sagrado e com a sua ancestralidade, aspectos que são carregados pelas sementes mais tradicionais.

Isso nos leva ao elemento social que está imbricado nessa problemática, o qual afeta a vida dos peruanos diretamente. Um exemplo é o valor comercial colocado no milho e o quanto desse valor é repassado para o produtor. Segundo Palomo (2019), o milho é vendido por aproximadamente um real e quarenta centavos, sendo que apenas oitenta centavos são repassados para o agricultor que plantou, cuidou e colheu. A demanda é intensa, o preço é baixo e os custos socioambientais são altos.

Nessa esteira, a cobertura jornalística ainda se mantém centrada em editoriais especializadas e a discussão ambiental somente é abordada quando há um evento incontestável a ser noticiado, como os dados alarmantes do desmatamento ou casos de mortes registrados por conflitos de terra. Em termos teóricos do jornalismo, chamamos esses itens de seleção dos fatos de valores-notícia, isto é, critérios de abordagem factual que orientam quais devem se tornar acontecimentos midiáticos e quais devem ser deixados de lado. Nesse filtro, alguns elementos são desconsiderados e marginalizados na cobertura, como o sentido sagrado da terra para os peruanos. Mesmo que, hoje, os produtores sintam a necessidade de plantar de acordo com a demanda das tecnologias do agronegócio, a prática ancestral de cultivo do milho sempre sugeriu as suas próprias técnicas sustentáveis que, do mesmo modo, apresentavam bons resultados (PALOMO, 2019). Isso porque, sendo o milho um alimento semeado desde os primórdios, ele demarca os primeiros contatos do povo peruano com a terra e traz, sobretudo, um embasamento simbólico e histórico sobre a criminalização contemporânea dos povos.

As técnicas dos povos originários eram baseadas nos conhecimentos sobre o clima da região e suas especificidades, como umidade, posição solar e intensidade do vento. A partir dessas noções, eles construíam terraços que formavam microclimas ideais, além de um sistema de irrigação próprio

(MONTELEONE, 2019). Maquinários, sementes transgênicas e produtos para controle de pragas não eram necessários, já que a relação sagrada entre homem e natureza telúrica formava a base necessária de qualquer prática de cultivo. É dessa relação que eles extraíam os conhecimentos necessários para lidar com imprevistos, cultivando as sementes de acordo com a sazonalidade da natureza.

Essa relação mais próxima tem conexão com a sacralidade da natureza, já que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2008, p. 17). No caso dos peruanos, a prática de cultivo do milho se mostra totalmente diferente do mundo profano uma vez que ele ganha certa cosmicidade e se diferencia de um simples elemento a ser plantado e passa a ser, então, um fio que conduz o vínculo entre sujeito e natureza, entre sagrado e profano. Para Eliade (2008), o sagrado e o profano são dois modos de ser e estar no mundo, de maneira que a conexão sacralizada da vida e do ambiente ao redor formam uma construção do imaginário (BARROS, 2019). Nesse sentido, temos a sacralidade do milho, na cultura peruana, como uma entrada ao espaço imaginal, a ser discutido posteriormente.

Para revelar a experiência: o método da leitura simbólica

A partir dos objetivos deste trabalho, os quais consistem em (1) discutir avanços possíveis para a noção do fotojornalismo ambiental e (2) propor uma aproximação aos estudos do imaginário durandianos, pensamos o caráter metodológico em dois momentos principais, atravessados pela leitura simbólica (BARROS, 2019) enquanto escolha teórico-metodológica. Isto é, o método em questão, alinhado aos pressupostos da Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand, compreende tanto o momento de escolha das imagens estudadas quanto o momento de estudo propriamente dito.

A leitura simbólica é realizada com fotografias de Robert Frank, feitas na década de 1940, na Amazônia peruana. Elas fazem parte do livro Peru (2008), publicado pela editora Steidl, e estão disponíveis no site da The National Gallery of⁵

5. Disponível em: https://www.nga.gov/features/slideshows/RobertFrankPeru.html#slide_1. Acesso em: 13 fev. 2022.

Art, dos Estados Unidos. Frank foi um fotógrafo suíço-americano e um dos fundadores da reconhecida Agência Magnum, ao lado de outras figuras importantes como Henri Cartier-Bresson e Robert Capa. Autor de foto-livros famosos, como é o caso de *Americanos* (2008), também publicado pela editora Steidl, ele apresenta um estilo que provoca diferentes olhares ao retratar a complexidade do banal e do cotidiano, inclusive no que tange à relação entre humano e ambiente.

Ao se trabalhar com a Teoria Geral do Imaginário (BARROS, 2008, 2016; DURAND, 1997) a partir da sacralização da natureza, é necessário levar em conta os pressupostos simbólicos que orientam a entrega aos sentidos do material de análise, no caso, as fotografias. Por isso, optamos pela leitura simbólica uma vez que ela nos permite espaço para perceber a emergência de imagens e de símbolos que mostram como a construção sagrada se apresenta. De modo prático, observamos as fotografias disponíveis e separamos as que mais detiveram nosso olhar. No caso, dois elementos principais foram responsáveis por chamar a nossa atenção: primeiro, o elemento humano, isto é, o registro de pessoas que, em alguns momentos, até mesmo olham diretamente para a câmera; segundo, a presença de um elemento natural, como é o caso das fotografias que trazem homens manejando, ao que tudo indica, uma plantação de cana. Notar a presença de ambos aspectos, ou seja, o aspecto humano e natural, forneceram pistas sobre a relação entre humano/natureza, a ser desdobrada em uma leitura mais profunda e simbólica. Chegando à seleção de quatro imagens, efetivamos a análise mais profunda, suspendendo a racionalidade como única via de acesso à fotografia (BARROS, 2019) e nos abrindo para a revelação das narrativas intangíveis do imaginário. Para Barros (2019, p. 140), a leitura simbólica pode ser definida na seguinte maneira:

[...] lançamos ao material de estudo um olhar ao mesmo tempo sintético e imersivo, num estado de receptividade à fotografia examinada, tomando o cuidado de concentrar a atenção visual sobre ela, suspendendo os pensamentos a fim de se deter o fluxo de racionalização a que estamos habituados no trabalho analítico. Note-se que a suspensão dos pensamentos não é a suspensão da atenção; pelo contrário, é a concentração profunda num só ponto com o propósito de afastar todas as outras distrações daquilo que se observa.

Nesse sentido, buscamos a experiência simbólica a partir das fotografias para encontrar as linhas de força do imaginário, o qual, por sua vez, orienta as práticas e os modos de pensar a Amazônia, em especial a peruana, e o papel do milho nas questões ambientais. Optamos, ainda, por orientar a leitura simbólica com indicadores e critérios de análise com a intenção de fazer o acordo entre o intangível, da ordem do imaginário, e as questões do mundo concreto, como as problemáticas do meio ambiente.

Nesse contexto, os indicadores são os elementos que conduzem às questões levantadas e às problemáticas ambientais, como desmatamento, agricultura, diversidade e modificação dos ecossistemas. Já os critérios são as direções do acordo socio-imaginário, como os deslocamentos do fotojornalismo ambiental e o elemento sagrado inserido nesse processo de construção de sentido.

O enredo simbólico no fotojornalismo ambiental

No decorrer do nosso trajeto de pesquisa, passamos a notar diversas transformações que tensionam as concepções iniciais do fotojornalismo ambiental. Isso porque a fotografia, para além de uma linguagem exclusivamente técnica, também é uma maneira de colocar em comum diversos sentidos nascidos de um fio condutor comum aos sujeitos. Esse fio emerge em fotografia ao passo que excede os limites do quadro delimitado pelo registro da câmera.

A fotografia pode ser um meio que provoca no sujeito a experiência simbólica. Por isso, para além de uma cobertura do meio ambiente em si, iconicamente apresentado na fotografia, o ser imaginante é fundamental para a construção dessa relação entre imagem e natureza. Os três pilares indicados anteriormente só existem porque há um atravessamento completo do imaginário e suas narrativas míticas que guiam os sujeitos e as coletividades. Em outras palavras, os três pilares, que antes entendemos como a sustentação da noção do fotojornalismo ambiental, podem ser derrubados de modo que não há mais uma hierarquização, um em cima que é construído por um embaixo. Há, agora, uma teia

de sentidos complexos e interdependentes que são atravessados pelo consciente e inconsciente antropológico (DURAND, 1997) que constituem o imaginário.

Em consonância com Barros (2016), notamos diversas formas distintas de se empregar o termo imaginário, desde uma referência aos conhecimentos que não podem ser objetivamente precisos, passando pela designação de coisas imaginadas em conjunto, alcançando, por fim, um sinônimo de irrealidade ou uma nuance fantasiosa da realidade. Nesse sentido, algumas críticas podem ser corroboradas para tais usos, como, por exemplo, a proposta de que “[...] cada um desses usos desvaloriza o imaginário, seja por rejeitá-lo como parte do real, seja por não estabelecer distinções entre os diversos tipos de imagem e empregar a palavra num sentido tão amplo que acaba não designando nada” (BARROS, 2016, p. 348). Em outras palavras, compreendendo o imaginário a partir da Escola de Grenoble, tendo como figura central o filósofo Gilbert Durand, ele deixa de ser um objeto em si para se tornar uma perspectiva a partir da qual estudamos a Comunicação em particular e as produções humanas em geral. Pensamos ser “[...] possível estudar empiricamente o imaginário porque ele se epifaniza em cada manifestação criativa, sendo a menor de suas unidades detectáveis a imagem simbólica” (BARROS, 2016, p. 350). Essas distinções são importantes para dar enfoque a alguns termos específicos dessa compreensão de imaginário que vai além dos usos rotineiros do senso comum. Primeiro, direcionamos a atenção para a noção de imagem e, depois, para a noção de símbolo, ambos caros para a teoria durandiana.

Primeiro, a noção de imagem é especialmente importante, uma vez que ela toma caminhos diferentes quando comparada à técnica, à iconografia ou à representação visual objetiva, de modo que, para a Teoria Geral do Imaginário, imagem não se assemelha ao ícone. Por isso, quando tratamos de “[...] conceitos não tão evidentes como os que repousam em percepções verificáveis, precisamos de imagens [...]” (BARROS, 2008, p. 42). A imagem, não sendo um objeto e, principalmente, um objeto a ser coisificado ou decodificado, torna-se uma possibilidade de entrega ao espaço supra real, compreendido como um campo de atuação do imaginário (BARROS, 2008). Por esse motivo, a tentativa de definir ou

simplesmente de falar sobre a imagem já nos mostra uma dificuldade, pois a imagem, em tais termos, carrega sentidos múltiplos e polivalentes que nos conduzem ao sentir, a entrega e ao simbólico.

Nesse ponto, notamos a necessidade de trazer algumas considerações sobre o símbolo, já que ele é um segundo elemento que constitui o que chamamos de imagem simbólica. Do mesmo modo que a imagem não deve, sob essa perspectiva, ser confundida com ícone, o símbolo não deve ser compreendido como signo, pois levamos em conta o seu caráter motivado (BARROS, 2016). Esse posicionamento apresenta uma ordem não apenas semântica, mas, também e principalmente, heurística nas pesquisas que buscam ter essa teoria específica como perspectiva. Isso ocorre uma vez que “[...] a partir da identificação de imagens simbólicas, ou seja, de imagens que mantenham uma relação de sentido não gratuita com seu significado, serão procuradas as linhas de força equacionadoras do problema de pesquisa” (BARROS, 2016, p. 350-351). Então a imagem, quando simbólica, fica dependente de um aspecto de experiência, de vivência profunda que organiza e equilibra os sentidos humanamente profundos e coletivos, comuns aos sujeitos.

A partir dessa apresentação de noções-chave que nos ajudam a avançar questões específicas do fotojornalismo ambiental, buscamos apontar alguns desses deslocamentos percebidos no trajeto de pesquisa. Primeiro, podemos mencionar a característica que se baseia na noção de transformar mundos internos e externos a partir da fotografia de natureza. Com o atravessamento das profundezas coletivas que advém desde o inconsciente, compreendemos que tal transformação apenas se apresenta conscientemente porque antes foi entrelaçada e carregada de sentido pelo imaginário que, por sua vez, se apresenta em imagens simbólicas. Dito de outra forma, esse olhar teórico, uma vez aliado ao fotojornalismo ambiental, torna possível a disseminação de vivências que tomam os sujeitos e os transformam, pois há um movimento profundo de modificação que orienta, inclusive, o próprio ativismo ecológico que indica a compreensão da preservação da natureza e dos saberes.

Figura 1 - Sem título



Fotografia: Robert Frank

Fonte: Frank (2008, p. 21)

Ao perceber o olhar racional cessar no contato com essa fotografia (figura 1), nos vemos presos na melodia tradicional que sai da flauta que está sendo tocada pelo sujeito. Tocada, inclusive, com tamanha sensibilidade que nos sentimos tranquilos, hipnotizados pela melodia suave e angelical que preenche a vida ao redor. Sem esperar, percebemos que fomos colocados num estado de sono profundo e, por isso, começamos a sonhar. Agora, nosso corpo está presente na imagem e participamos da cena. Nos vemos dançando com outras mulheres em roda, todas de mãos dadas. A fotografia é preta e branca, mas a imagem nos mostra cores fortes e vibrantes presentes nas nossas roupas - amarelo, azul, vermelho e diferentes tons de rosa. No entorno, o campo é composto por um verde que fica cada vez mais forte e é tonalizado a partir do contato com os raios do sol que brilham alto no céu.

A imagem é levemente turva, de fato semelhante à opacidade de um sonho. Sentimos que deixamos a posição de observadores da fotografia para entrar na cena como personagens totalmente entregues. Ao dançar em conjunto com essas mulheres, notamos que estamos todas tranquilas, alegres, com o rosto tomado por um sorriso. O homem, sujeito registrado na fotografia, age como se o seu objetivo tivesse sido concluído: fomos todas hipnotizadas e conduzidas ancestral e à transcendência da música. Todas nós fomos abraçadas pela potência da música.

A descrição da imagem simbólica que nasceu a partir do contato com essa fotografia indica a atuação do imaginário não apenas organizando o real, mas também o motivando (BARROS, 2008), apresentando-se, assim, como um dos caminhos possíveis para avançar as discussões sobre o fotojornalismo ambiental no que se trata de destacar os elementos que envolvem o ato fotográfico e a sua relação com os espaços que ocupa (ambientais, inclusive). Aqui, a fotografia de natureza adere à afetividade como um critério de seleção noticiosa, critério este proposto por Souza e Silva (2017). O autor pensa a prática fotojornalística pelo prisma das dimensões subjetivas e a-rationais, já que “[...] por mais que se busque a objetividade nos fatos representados, os afetos ganham inevitável expressividade” (SOUZA E SILVA, 2018, p. 157). Dessa noção, podemos tirar duas ramificações possíveis, pois (1) a relação de alteridade, nessa esteira, estaria presente direta ou indiretamente no jogo de seleção da notícia, inclusive de seleção das notícias ambientais. A alteridade, conduzida pelo imaginário, é um elemento chave para os processos afetivos, pois ela sugere a presença de comunicações profundas construídas a partir do ato fotográfico como um todo, ao mesmo tempo em que o transcende rumo ao coletivo. Além disso, se pensarmos esse afeto como um ato de se deixar afetar, (2) podemos considerar uma chance de entrega ao simbólico, o qual mencionamos acima. Seria uma espécie de entrega total para a experiência sagrada, justificando a anterioridade da imagem (BARROS, 2016).

Assim, o avanço da noção do fotojornalismo ambiental se faz através do retorno às origens ancestrais e compartilhadas entre os sujeitos. O avanço, nesse caso, não fala sobre seguir em frente, mas sobre dar alguns passos de volta a uma construção ontológica do simbólico que estrutura, ainda, o próprio retorno histórico.

O imaginário que se manifesta em Robert Frank

Continuando a busca pelo acordo entre o fotojornalismo ambiental e o milho enquanto elemento sagrado, as fotografias de Robert Frank (2008) feitas na Amazônia peruana na década de 1940 nos sugerem como o simbólico participa da

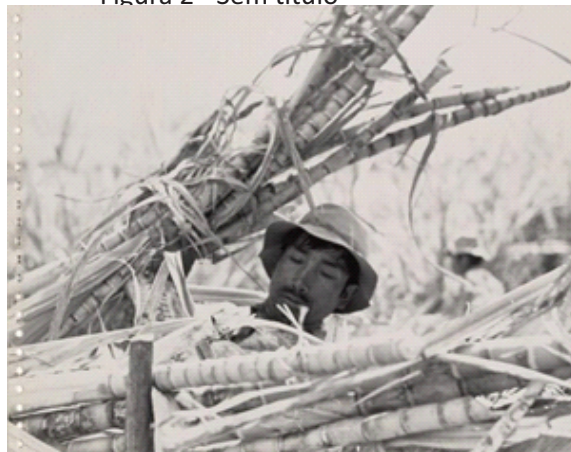
cobertura jornalística em relação ao meio ambiente. A intenção é notar as linhas de força do simbólico que emerge em imagens a partir da entrega às fotografias e, assim, compreender a fotografia de natureza sob a revelação do imaginário antropológicamente fundado.

Figura 2 - Sem título



Fotografia: Robert Frank
Fonte: Frank (2008, p. 10).

Figura 2 - Sem título



Fotografia: Robert Frank
Fonte: Frank (2008, p. 10).

Nessas duas fotografias (figuras 2 e 3), vemos um povo que tem um contato profundo com a terra. Sobre a terra vivem e dela retiram o seu alimento. É pra ela, também, que voltam quando precisam de colo. A sua relação com o solo tem por base um aspecto maternal guiado pela Mãe-Terra, como Gaia é comumente chamada. Entretanto, não se trata de uma única faceta de Gaia, aquela que é amável e compreensiva com os seus filhos e filhas ao ponto de abraçá-los e incluí-los em sua completude. Ao contrário, é uma faceta maternal bem específica: a faceta terrestre. É o seu lado mais seguro, que finca as raízes no solo com força e que reage uma vez arrancada do chão.

Nos lembramos de Deméter, a deusa da fertilidade, que nutre relação estreita com essa terra cavernosa, profunda, compacta e forte. Entre os deuses ligados à natureza, Deméter, mãe de Perséfone, é responsável por tornar o solo abençoado para que ele frutifique, cresça e tenha substâncias que façam as plantações brotarem (SANTOS, 2019). A deusa, nesse caso, não é a Terra por

completo, mas um gesto de Gaia. Em outras palavras, Deméter, como filha da Grande-Mãe, não é a natureza como um todo, já que carrega os sentidos de uma potência entre tantas outras - a potência telúrica.

Nas duas fotografias, não é possível ver tecnicamente o solo terroso, mas isso não anula a sua presença simbólica. O trabalho de segurar a planta em mãos (figura 2), lutando contra o vento forte, mostra uma segurança que vem da firmeza dos pés cravados no chão. O homem, pequeno diante da Grande-Mãe, consegue se manter em pé devido a sua conexão ancestral com a agricultura como atividade que reproduz a ação divina. Isso porque, mesmo que seja possível perceber uma certa dificuldade pelo ar forte que toma conta da cena, não há batalha. Há, na verdade, uma certa segurança que está presente na postura do homem ereto e com os braços segurando firmemente a cana.

Nessa esteira, o mesmo acontece com a outra fotografia (figura 3), em que o sujeito está completamente imerso na plantação. Concentrado e rodeado por esse elemento da natureza que ele mesmo plantou, o homem olha atentamente para o resultado alcançado que foi orientado por Deméter. Esse homem representa o trabalho em seu sentido mais sagrado, pois mantém uma conexão profunda com algo que lhe traz paz, realização e um contato com o cosmos.

Figura 4 - Sem título



Fotografia: Robert Frank
Fonte: Frank (2008, p. 12).

O que faz essa mulher ser sufocada pelas outras pessoas a sua volta e, mesmo assim, não sentir necessidade de lutar contra esse gesto que a abafa e a asfixia? O que a faz renunciar à sua própria liberdade de modo tão tranquilo? Essas dúvidas suscitaram a nossa atenção para essa fotografia (figura 4) ainda na leitura simbólica. As sensações de sufocamento e tranquilidade coexistem numa mesma imagem. Questionamos, assim, se o medo de fato não existe ou ele apenas foi cooptado pela consciência de que nenhuma luta poderia libertá-la. É como se essa mulher tivesse sido derrubada inteiramente pela batalha, considerando que não há mais razão para se armar, pois basta se entregar ao destino que a espera. Mas, e se houver saída? E se um elemento fosse capaz de reiterar a vontade de viver e de lutar pela existência?

Ponderamos sobre a característica de transformação interna e externa que emerge, nesse caso, do acordo entre a movimentação simbólica e o elemento visual da fotografia. Será que tal transformação pode ser a capacidade de tomar a alma e o olhar, fazendo com que um sorriso brote no rosto da mulher e refloresça a sua vivacidade? Poderia, ainda, essa transformação ser um elemento de encanto que se mostra na fotografia de natureza que, por sua vez, dá a ver imagens simbólicas? Se sim, esse fenômeno seria resultado da correlação intrínseca entre sujeito e natureza?

Dito de outra forma, não é a fotografia em si, com seus aspectos técnicos e icônicos que pode ocasionar uma transformação no sujeito, tanto no seu olhar mais político sobre o meio ambiente quanto no seu maravilhamento poético para a natureza. Isso porque é a imagem, dinamizada em fotografia, que aparece e mobiliza os sentidos mais profundos - como, por exemplo, a oportunidade de devolver a vida para essa mulher através dela mesma, pois a fotografia é apenas um pretexto para a imagem. Seria algo semelhante ao encantador de sonhos (figura 1), mas de um jeito que desperta o simbólico no mundo consciente e, assim, amanhece um ativismo profundo e repleto de sentido.

Considerações Finais

Com base na discussão teórica e na leitura simbólica das fotografias de Robert Frank, é possível compreender que, em se tratando das questões ambientais atreladas às fotografias, o sagrado se impõe para subverter as lógicas de destruição e colonização da natureza, bem como para transformar a monocultura do pensar em diversidade de saberes. Uma das formas possíveis para evitar que a monocultura do pensar se transforme numa monocultura do olhar, é prestar atenção nesse acordo entre imaginário e mundo concreto, que atua socialmente, mesmo que não seja algo palpável e objetificável, pois se trata de uma abordagem sensível e profunda.

Além disso, é necessário, principalmente, validar essas relações como formas legítimas de acesso ao conhecimento, de modo que as subjetividades e as sacralidades sejam tidas como fontes sábias – por exemplo, validar o sagrado presente no contato entre os peruanos e o milho, o maiz, abrindo espaço para outras visões além do agronegócio. Sobre a preocupação com as questões ambientais, uma vez tida como característica da fotografia de natureza, pensamos que ela apenas afeta as práticas humanas, como a fotografia e a luta em prol do meio ambiente, porque acontece um acordo entre o subsolo profundo e os indicadores socioambientais percebidos conscientemente. Não há como o fotojornalismo ambiental olhar somente para o ativismo, pois para que seja possível haver de fato uma transformação social, é preciso considerar as bases antropológicas do imaginário que guiam os afetos pelas causas de luta.

A comunicação do fotojornalismo se faz, de modo muito amplo, através de dois vetores: o tema e a linguagem. A linguagem fotográfica de um fotojornalismo que se ofereça mais à experiência simbólica e de um fotojornalismo que se imponha mais como ato político pode ser perfeitamente compartilhada. Tomemos como exemplo apenas um dos elementos da linguagem, o valor tonal. De fato, se uma escala tonal alta, com predominância de cinza claro e branco, pode favorecer a abordagem poética, uma escala tonal baixa, com predominância de sombras densas, pode destacar a gravidade do ponto de vista. No entanto, a experiência

simbólica não será mais intensa ou menos intensa porque a foto que a motiva vem com alto contraste ou baixo contraste, nem em função do basculamento da câmera ou de qualquer outro marcador técnico da linguagem. Por outro lado, os temas eleitos para a abordagem fotográfica podem apresentar substanciais diferenças na mobilização da experiência simbólica, ou seja, na sua potencialidade de perturbar o leitor. Essa perturbação, seja ela no sentido de adesão, de repulsa ou de sintonia, é sempre sinal de uma transformação interior, o mais explícito indicador da presença de uma imagem simbólica.

A destruição da natureza é tema do ativismo ambiental clássico e tem importância inegável na mobilização política, mas esta mobilização pode não acontecer caso não haja uma identificação do sujeito como partícipe da natureza – a agressão à natureza não será sentida como uma agressão à vida humana, à sua própria vida em última análise. Precisamos também de imagens capazes de nos reconectar à nossa natureza perdida, de nos fazer lembrar que somos parte do planeta e que nossa vocação é viver em união com ele e não o dominar.

Referências

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Comunicação e imaginário: algumas contribuições da Escola de Grenoble. In: LEÃO, Lúcia (org.). **Processos do imaginário**. São Paulo: Képos, 2016. p. 345-366.

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Sob o nome de real**: imaginários no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

BARROS, Ana Taís Martins. O que é o Sagrado no Instagram? Sacralização, dessacralização e ressacralização na cultura midiática. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 131-151, jan./abr. 2019.

BELMONTE, Roberto. **A construção do discurso da economia verde na revista Página 22**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANK, Robert. **Peru**. Gottingen: Steidl, 2008.

GIRARDI, Ilza M. T.; SCHWAAB, Reges; MASSIERER, Carine; LOOSE, Eloisa B. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campov. 34, n. 1, p. 132-152, 2012.

HAAS, Jonathan; CREAMER, Winifred; HUAMÁN MESÍA, Luis; GOLDSTEIN, David; REINHARD, Karl; VERGEL RODRÍGUEZ, Cindy. Evidence for maize (*Zea mays*) in the Late Archaic (3000-1800 B. C.) in the Norte Chico region of Peru. **PNAS**, Washington, v. 110, n. 13, p. 1945-4949, 2013.
LACERDA, Rayane; DOMINGUEZ, Carlos André. Fotojornalismo ambiental: a sustentabilidade do olhar. **Temática**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 66-82, fev. 2021.

LINARES, Federico Navarrete. Entre a cosmopolítica e a cosmo-história: tempos fabricados e deuses xamãs entre os astecas. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 86-108, 2016.

MONTELEONE, Joana. Os muitos milhos do Vale Sagrado dos Incas. **Brasil de Fato**. São Paulo, 23 ago. 2019. Coluna. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/23/os-muitos-milhos-do-vale-sagrado-dos-incas>. Acesso em: 25 mar. 2021.

PALOMO, Roberto. O milho por trás dos incêndios na Amazônia peruana. **El País**: El periódico global, San Martín, Peru, 26 dez. 2019. Fotografia. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/19/album/1576771329_447602.html#foto_gal_4. Acesso em: 25 mar. 2021.

PEDRI, Marta Adriana. **A dinâmica do milho (*Zea mays* L.) nos agroecossistemas indígenas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PIPERNO, Dolores; FLANNERY, Kevin. The earliest archaeological maize (*Zea mays* L.) from Highland Mexico: new accelerator mass spectrometry dates and their implications. **PNAS**, Washington, v. 98, n. 4, p. 2101-2103, 2001.

REGERT, Rodrigo; BAADE, Joel Haroldo; RIBEIRO, Arã Paraguassu; ZIEDE, Mariângela Kraemer Lenz. As civilizações pré-colombianas no continente americano. **Revista da UNIFEBE**, Brusque, v. 1, n. 18, p. 13-20, 2016.

SANTOS, Francisco. **O paradoxo da sustentabilidade ambiental na propaganda: trajetos de sentido e ciclos do imaginário**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Thiago Lucas Alves da. O conflito entre o governo neoliberal de Alan García e os indígenas peruanos. **IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 366-392, 2010.

SOUZA E SILVA, Wagner. Fotorjournalismo e os afetos como valores-notícia. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 14, n. 25, p. 143-162, jul./ago. 2018.

SOUZA E SILVA, Wagner. Fotorjournalismo e os afetos como valores-notícia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba, PR. **Anais [...]**. Curitiba: INTERCOM, 2017. R12-856-1.